

SERRA NEGRA

ARNALDO PEIXOTO OLIVEIRA
DÁRDANO DE ANDRADE LIMA

Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

A Serra Negra está localizada no município de Floresta (do Navio), nos limites com o município do Moxotó. Dista aproximadamente 400 quilômetros da nossa Capital. Possui diversas vias de acesso, entre elas a mais recomendável, por ser a que mais se aproxima da chã da serra, é a estrada de Arcoverde a Itaparica com entrada no povoado de Joazeiro dos Cândidos.

Até aí, todo o percurso desde o Recife, é feito em estrada de 1ª qualidade. Desse povoado até a chã da Serra temos ainda um percurso aproximado de 4 léguas, que só poderá ser feito a cavalo. Não é mais estrada, porém, sim, uma simples vereda na caatinga. A subida da Serra, à proporção que se escala, vai se tornando cada vez mais íngreme a ponto de se assemelhar a uma verdadeira escada tal o desnível no último acesso à chã.

A chã da Serra é constituída de um planalto de cerca de 3 quilômetros de comprimento por 300 a 800 metros de largura. A metade dessa área é coberta de uma rica mata composta em grande parte de madeiras de lei da envergadura de pau-d'arco, maçaranduba, pau-ferro, cedro, etc... encontrando-se não raramente árvores de 4 a metros de circunferência e 25 a 30 metros de altura. A outra metade da área é descoberta; ela vinha sendo devastada e queimada paulatinamente para roçados de feijão, mandioca, milho, etc.

Publicado no **Boletim da Universidade Rural de Pernambuco**, n. 15, jan./dez., 1948, p. 388-397.

Arnaldo Peixoto Oliveira nasceu em Jaboatão, Pernambuco, em 20 de julho de 1915 e faleceu em 30 de maio de 1971. Concluiu o Curso de Agronomia na turma de 1937, pela Escola Superior de Agricultura São Bento. Técnico da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de Pernambuco, Chefe do Serviço Florestal da Diretoria da Produção Vegetal. Um dos fundadores da CEASA. Idealizador e responsável pelo reflorestamento ao longo das Rodovias Federais e Estaduais no Estado de Pernambuco. Patrono da Cadeira nº 05 da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica.

Dárdano de Andrade Lima nasceu em João Pessoa, Paraíba, em 02 de setembro de 1919 e faleceu em 13 de setembro de 1981. Concluiu o Curso de Agronomia na turma de 1943 pela Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP). Professor Adjunto da UFRPE lecionou Botânica Geral e Sistemática. Criador do Mestrado de Botânica, Pesquisador do Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco. Patrono da cadeira nº 06 da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica.

Quando pela primeira vez, em 1939, recebemos informações fidedignas de sertanejos, de que existia na citada Serra uma mata de grande valor, enviamos no referido ano o nosso inspetor florestal Luiz Magalhães com ordens para que não mais se derrubassem árvores na mata em apreço.

A ordem foi rigorosamente cumprida, até que em 1941 tive o ensejo de fazer uma excursão à Serra Negra em companhia do Prof. Vasconcelos Sobrinho, Catedrático de Botânica na Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, e tivemos pela primeira vez a feliz oportunidade de estudar a região e colher material científico do resto de uma das mais ricas matas do Estado. É essa mata a melhor reserva florestal do sertão nordestino.

Com essa 1ª visita diversas providências foram tomadas. Ficou terminantemente proibido o corte de qualquer árvore, fosse qual fosse o pretexto, e igualmente proibida a queima do mato para evitar incêndio nos aceiros. Já naquela época era desejo do Serviço de Inspeção Florestal criar no Estado, o Parque Nacional ou Estadual da Serra Negra.

As terras localizadas no planalto onde existe a mata, são de uma fertilidade incomum, basta citar que foi a única área do sertão onde a lavoura constituída na sua maioria de mandioca, milho e feijão, sobreviveu à maior seca das gerações vivas, a seca de 1932. Essa fertilidade é devida em grande parte à existência da mata, que age como controladora da umidade.

Na excursão que deu origem ao presente trabalho, viajei em companhia do colega Dárdano de Andrade Lima e tivemos a oportunidade de dormir em rede em uma das três casas de farinha existentes no planalto da Serra, na noite de 2 para 3 de junho do corrente ano. Levamos nessa excursão, um termômetro de máxima e mínima e um altímetro. Foi constatada a temperatura mínima de 16 graus e máxima de 19 graus. Altitude de 970 metros acima do nível do mar. Pelo que pudemos nos informar, a temperatura mais baixa é nos meses de julho e agosto, sendo muito provável que desça mesmo a 10°.

Não existe moradia no planalto e calculadamente umas 50 pessoas trabalham na chã em roçados e aí mesmo fazem farinha, transportando-a para os povoados mais próximos em jumento, que é o animal por excelência adaptado à dureza da subida e descida da Serra. Esses moradores adventícios vão para o alto da Serra e ali permanecem 8, 10 e até 15 dias, fazendo seus roçados, limpando-os ou fazendo farinha.

Alimentam-se, como em grande parte do sertão, de carne de bode, rapadura,

queijo, leite, farinha e beijos e até o café é adocicado com rapadura. O motivo que os faz assim adoçar o café é econômico; isto nos faz refletir em que somos um dos maiores produtores do mundo de açúcar e Pernambuco o maior estado açucareiro do Brasil. Mas, ai desses pobres sertanejos, se não fossem os engenhos bangüês e de rapaduras que se espalham por diversas áreas do sertão nordestino. Na chã existe ainda, além das 3 casas de farinha, 2 ranchos que abrigam os sertanejos que vão ali trabalhar.

Na extremidade sul, no lado poente, descortina-se um dos mais belos panoramas do nordeste e quiçá do Brasil. Uma vasta e cerrada caatinga de 10 a 20 léguas circula toda a Serra. A visibilidade nos meses de inverno só é total depois das 9 horas variando conforme os dias. Avista-se do lado sul o São Francisco a cerca de 15 léguas, limitando o estado de Pernambuco e o da Bahia e do lado do norte a Serra da Borborema no estado da Paraíba. A Serra Negra dista da Serra do Periquito 3 léguas. Na extremidade norte, ainda do lado do poente, encontra-se uma pedra de uns 4 metros de altura por 3 metros de largura, denominada pelos nativos de “a espia”. Essa pedra domina toda a subida da serra e dela se descortina soberbo panorama.

Conta-se que há 70 anos passados a Serra Negra era povoada por uns caboclos que se entregavam ao saque das fazendas da redondeza. Os caboclos organizados viviam em lutas constantes com os fazendeiros. Em clima de “espia” conservavam eles sentinelas perenes, com a função de dar alarme e eliminar todos aqueles que tentassem se aproximar. Desse fato veio a denominação da pedra. Daquela altura apercebiam-se da presença de qualquer forasteiro, visto que a subida por outro local se tornava francamente inacessível. Os fazendeiros prejudicados, auxiliados pela polícia, investiram contra os caboclos, travando-se uma grande luta que terminou pela morte da maioria deles, contando-se mulheres e crianças entre os remanescentes. Encerrou-se, assim um aspecto triste da multissecular floresta da Serra Negra.

A água existente no planalto é colhida por um processo nativo original, e portanto digno de menção: colocam um pote, junto as árvores altas e de casca lisa, e fazem no caule um entalhe em forma de seta; no vértice do entalhe colocam uma folha de árvore, orientada para um pote, que recebe a água proveniente de intensa condensação. Naturalmente essa condensação é maior nos meses de inverno e menor nos meses de verão.

A fauna da Serra é riquíssima, porém temporária. Durante o inverno ela escasseia, os animais em sua grande maioria, retiram-se do planalto, e alojam-se na imensa caatinga que circunda toda a Serra. A temperatura fica excessivamente baixa,

tornando impraticável a vida daqueles animais, oriundos em sua totalidade, de clima quente e seco como é o nosso do nordeste.

Durante os meses de verão, que constituem a maioria do ano, os animais deixam a caatinga seca da planície, desprovida de manutenção, e alojam-se nas encostas altas, onde domina um ambiente mais fresco e de mais possibilidade de vida. Esses animais em sua maioria, aí passam o dia, subindo durante a noite para a parte alta da Serra coberta de mata que por ser uma área pequena é constantemente atravessada durante o dia em quase todas as direções, pelos homens que trabalham.

Veados, cotias, gatos selvagens, raposas, maracajás, onças suçuaranas, mais conhecidas por onça de bode, tatus, siriemas, macacos, araras, papagaios, jandaia, e uma infinidade de outros animais enriquecem o patrimônio da floresta da Serra Negra. A meia banda da Serra é bastante cultivada e se não é maior o número de roçados, que excede de 200, é devido exclusivamente ao grande estrago provocado pelo gado que vive nessa região em plena vida selvagem, não sendo raro falar-se em animais que nasceram, viveram e morreram em plena caatinga sem nunca ter entrado em um curral, sem nunca se ter deixado domar pelo homem.

Em seguida a este ligeiro relato sobre a Serra Negra, vem um comentário sobre a vegetação a cargo do colega Dárdano de Andrade Lima.

Todos aqueles que habitam o sertão pernambucano, principalmente a parte mais próxima ao São Francisco, conhecem ou já ouviram falar na Serra Negra, em virtude da sua mata exuberante. São comuns os comentários sobre “paus que três homens não abarcam”, etc.

E é bem verdade. Em meio do sertão ainda semi-íngreme, da caatingueira (*Caesalpinia Gardneriana*, Benth), da favela (*Cnidoscolus phyllacanthus*), do xique-xique (*Pilocereus Gounellei*, K. Schum.), do marmeleiro (*Cróton sincorensis*, Muel. Arg.), do caxacubri (Cactaceae), do quipá (*Opuntia inamoena*, K. Schum.), do bom-nome (*Maytenus rígida*, Mart.), do pereiro (*Aspidosperma pyriforme*, Mart.), e tantos outros, ergue-se imponente a Serra Negra. A princípio lentamente e pouco a pouco se tornando mais íngreme para terminar quase abrupta.

Separada de uma 3 léguas, uma outra serra, de menor altitude e maior área, eleva-se também muito acima dos “rasos” onde dominam o caroá (*Neoglaziovia variegata*, Mez.), a macambira de boi (*Bromélia* sp.), o moleque duro (*Cordia leucocephala*, Moric.), a jurema (*Mimosa verrucosa*, Benth.), etc. : é a Serra do Periquito.

Em um mesmo dia visitamos as. Dessa forma e mais pelas dificuldades de meios, não nos foi possível realizar o início de um estudo da flora de ambas as serras e

especialmente da Serra Negra.

Os rasos ou tabuleiros e a meia banda baixa apresentam a vegetação comum ao sertão, de um modo geral. Enfezada, com abundância de espinhos, etc. Apenas muito próximo ao leito dos riachos alguns angicos (*Piptadenia* sp.), braúnas (*Schinopsis brasiliensis*, Engl.), etc alcançam maior porte. Os tabuleiros têm uma altitude média de 450ms. A meia banda baixa chega aproximadamente aos 700ms.

Quando a trilha que seguimos vai alcançando maior altitude, começamos a sentir uma ventilação mais fresca, a vegetação a vegetação apresenta-se um pouco mais viçosa e algumas espécies vão sendo substituídas por outras novas. No entanto, o aspecto geral é de caatinga.

Na meia banda alta vão se acentuando essas características. Esta vai além dos 900ms. De altitude. A vegetação, ainda caatingada, é abundante e de grande porte. Notamos a presença de algumas Orquidáceas: *Oncidium barbatum*, Lindl., *Catasetum tridentatum*, Hook., etc e Aráceas do gênero *Anthurium*.

Por fim chegamos à chã da Serra, ponto de maior interesse botânico.

Aí estão as grande árvores constituindo uma mata úmida característica. As espécies se distribuindo em três andares: as ervas, os arbustos e por fim as árvores. Estas últimas relativamente afastadas umas das outras. Suas copas se tocando, formam uma cobertura bem compacta para os dois andares inferiores.

Como dissemos, não foi possível apreciar detalhadamente essas espécies. Apenas as mais conhecidas foram constatadas. Algumas apenas pelo nome vulgar. Entre as ervas vimos uma *Begoniaceae* conhecida por “Capeba branca”, algumas Gramíneas, uma *Commelineaceae* e uma *Zingiberaceae* (*Costus* sp.). Como arbustos: uma *Urticaceae* a que dão ali o nome de Cansação; Manacá – *Brufelsia Hopeana*, Bent., e algumas *Mirtáceas*. Subindo por esses arbustos e algumas árvores vê-se: *Smilax* sp. E uma espécie nativa de *Dioscorea*.

Entre as espécies arbóreas anotamos: *Mimosa incendiata*, - Camondongo ou muquem; *Caesalpinia férrea*, Mart. – Pau-ferro; *Mimusops* sp. – Maçaranduba; *Tebebuia ipe*, Linn. – Pau-d’arco; *Gallesia gorazema*, (Vell.) Miq. – Pau – d’alho; *Brasiolopuntia* sp. – Mumbeca, (Cactácea arbórea); *Inga* sp. – Ingazeira e mais: batinga, araçá branco, araçá vermelho, mameluco e laranjinha. É de notar o estrago que se processa na mata, pelas gameleiras, que nascendo sobre as outras árvores, vão aos poucos enlaçando-as com suas raízes que buscam o solo e terminam por matar o seu hospedeiro.

Durante a noite e primeiras horas da manhã, principalmente nos meses

de inverno, chove dentro da mata. Entretanto, nem toda a chã da serra está presentemente coberta de mata. O homem, ignorantemente, devastou grandes áreas para fazer roçados. Essas, quando em repouso apresentam quase a mesma vegetação erbácea de nossos terrenos da zona da mata. É curioso o fato de, em pleno sertão, completamente ilhadas, existirem espécies tanto erbáceas como arbóreas, na sua maioria bem características de nossas matas úmidas próximas ao litoral.

Convém por fim anotar a quantidade de palmeiras ouricuri – Côco coronata, Mart., que encontramos nas partes mais elevadas e arenosas da Serra do Periquito. Esperamos, em visitas posteriores, fazer um estudo mais detalhado dessa flora tão curiosa, com a catalogação do maior número possível de espécies.

Finalizando o presente trabalho sugerimos a criação do Parque da Serra Negra.

Ouvindo a Secretaria e pondo em prática algumas sugestões, dotará o Estado com o Parque da Serra Negra, o 1º do Norte e Nordeste e ao que parece, o 1º Estadual do País.

O Parque, além da finalidade turística que por si só justificaria o nosso interesse, constituiria a mais selecionada reserva florestal do sertão de Pernambuco e talvez de todo o Nordeste. Os botânicos ali teriam um herbáreo vivo de grandes possibilidades, ao mesmo passo que seria o Parque um abrigo seguro para os remanescentes de uma fauna rica e abundante como foi a nossa outrora.